



A liberdade de
um povo

Por Tainá Amaral



Dia 21 de julho de 1948.

Meu nome é Rosemary, tenho 20 anos. Moro em um país que sofre que chora que reza que luta

todos os dias; não incluo a população “branca” e sim nós os os negros ou os “de cor” como somos chamados. Nós somos certamente somos humilhados todos os dias, desrespeitados todos os dias, simplesmente pela nossa raça. Mas eu mesma me pergunto: Pra que isso? Nós não podem fazer as mesmas coisas que uma pessoa branca faz? Nós não podem conquistar a mesmas coisas?

Todos nós nascemos em um leito no nascimento e todos nós iremos para um mesmo leito de morte.



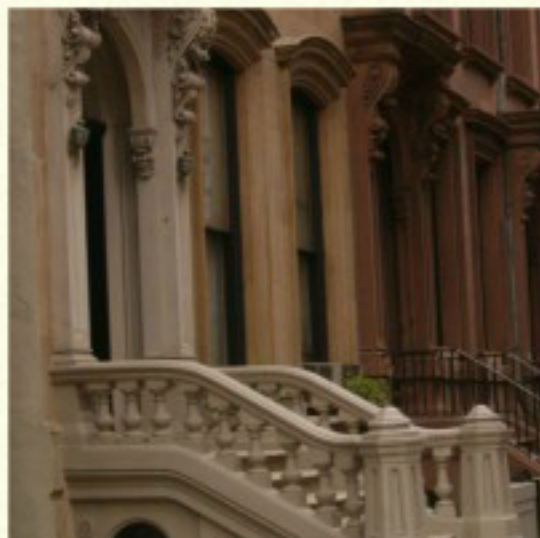
O que dá o direito de uma pessoa que acha que é melhor que você entrar na sua casa e tirar tudo o que é seu ou até mesmo

tirarem a sua vida, simplesmente pelo fato de você não ter a mesma cor e a mesma origem que eles?

Foi por isso e por muitos outros motivos que resolvi escrever esse livro, sei que ninguém irá dar a mínima importância para o que eu escrevo, mas não posso mudar isso, se fosse uma pessoa de alta classe social que estivesse escrevendo, tenho a certeza que todos iriam ter o interesse em ler. Mas vamos aos fatos.



Nasci em um bairro onde só tinha gente negra, onde os brancos nunca teriam coragem de passar por perto, enfim, um pedaço da cidade esquecido pelo resto da sociedade que se consideravam melhores que nós. Minha mãe e meu pai vieram da África do Sul, onde moraram por muitos anos, até minha mãe engravidar de mim. Em um país pobre, sem muitas oportunidades de trabalho, onde pessoas passam fome, passam frio, imploram por ajuda, se sacrificam como podem para conseguir comida para o almoço.



Meu pai, um homem sofrido vendeu tudo o que tinha, fez até o que não podia para trazer minha mãe para cá, pensando que ia

ser tudo diferente. Mas infelizmente o velho se decepcionou muito ao ver que aqui a desigualdade era muito grande, se decepcionou ao saber que aqui também não tinha oportunidades de trabalho para os negros, ao saber também que aqui negros não podiam ao menos morar de um lado de um branco, muito menos se socializar com um deles. Sem ter onde morar meus pais foram para um lugar onde diziam que era o “Refúgio dos negros” onde moro até hoje, o Brooklin.



Chegaram lá, e conseguiram sim um lugar para morar. Não, não era uma casa com sofá, mesa, cama nem nada disso.

Viviam de doações, quando nasci minhas roupas eram a maioria improvisadas ou velhas, que não serviam nos filhos dos vizinhos. Meu pai enfim conseguiu um emprego, o salário não era o dos melhores e as condições de trabalho eram precárias, mas foi o que meu pai tinha encontrado no momento. Muitas vezes não tínhamos o que comer, não tinha dinheiro para comprar comida que desse para o almoço e para o jantar, tantas vezes meu pai ia para o serviço na roça sem marmita, e passava fome.



No dia em que completei 15 anos de vida meu pai saiu do serviço com um salário adiantado e foi fazer uma surpresa pra mim. Passou numa loja no centro da cidade e comprou o vestido que eu tanto queria. Mas ao chegar em nosso bairro se deparou com os militares destruindo casas e matado pessoas, eles queria simplesmente “exterminar os negros” a pedido do governo.



Papai não chegava logo, e eu estava super ansiosa para ver a surpresa que meu pai tinha pra mim. Mamãe não aguentou de

tanto esperar e foi até a janela de casa para ver se papai já estava chegando, foi quando viu o velho correndo com um enorme sorriso no rosto, com uma sacola na mão, e logo atrás um militar que sem dó e nem piedade atirou em meu pai pelas costas; minha mãe desesperada saiu correndo em direção ao meu pai e viu aquele olhar sofrido de angustia e dor, aquelas mãos de homem trabalhador segurando forte nas suas delicadas mãos, e aquele corpo que já tinha passado por muita coisa, falecendo em seus braços.



Eu só da janela observava toda aquela cena que até hoje não me sai da cabeça; era a primeira vez que via minha mãe se

desmanchando em lágrimas, e desabando como se estivesse perdido o chão.

Foi de verdade uma das piores fases de nossas vidas. Mas conseguimos superar, mamãe começou a trabalhar de empregada doméstica na casa de uma tradicional família, racista e preconceituosa onde era humilhada todos os dias, mas era infelizmente a única saída para nós. E assim fomos vivendo nossas vidas até dois meses atrás, quando mamãe morreu de câncer.



Porem, não me dei por derrotada, fui atrás de oportunidades, rompi barreiras, pulei obstáculos para chegar onde estou hoje, dona de uma empresa, onde aqueles tais “brancos” trabalham para mim. O meu país não mudou e nem mudará tão cedo, o racismo irá continuar, mas eu sei que o meu povo será mais forte e não se deixara se abater pelo que os outros acham de você, siga em frente e acreditem em si mesmo, assim conseguirá tudo o que queres.



Meu nome é Rosemary August, filha de Jader August e Savana August. Sou negra e tenho orgulho imenso da minha cor, da minha raça e de onde eu venho. Sou sim um exemplo de ser humano.